

## 224. democracia teleguiada 28.11.18

Há anos que previ isto, mas nunca nesta escala, de democracia camuflada por demagogias, populismos, e uma falsa sensação de que é o povo quem decide de 4 em 4 anos quem o vai governar. Nem isso é já verdade, claro que vai a votos e deixa o seu na urna, mas tudo foi já decidido...vejamos a declaração esta semana do ministro da ciência e tecnologia de que ia fazer de Santa Maria um centro espacial, enquanto os seus porta-vozes locais disfarçam, mal, dizendo que nada está decidido, que ainda se estão a analisar as propostas dos 12 consórcios, blá, blá, que a área de exclusão e de proteção é muito pequena, que ninguém precisa de sair das suas casas, que o combustível dos foguetões é ecológico (pf digam-me onde se compra que também quero), que só se preveem 12 lançamentos ao ano (como se isso pudesse ser rentável para uma empresa de lançamentos), que os projetos da Nova Zelândia e da Escócia têm dimensões diferentes e não se podem comparar, e que o Éden vai continuar a ser o paraíso com as roqueiras espaciais que o senhor ministro já decidiu implantar na pequena e pobre ilha. Claro que o povo, inculto, ignorante, mal-informado aplaude, pois quer mais uns empregos na limpeza, ou na condução dos transportadores de foguetões, mais uns almoços nos restaurantes e cafés, e coisas menores que nunca foi de grandes ambições, habituado como está a ser espezinhado e maltratado ao longo dos séculos. Não sei porquê, mas as ambições dos que ouvi a defenderem o projeto como se fosse a segunda vinda do Messias ou a entrada dos Açores na reescrita da História da Humanidade, fez-me evocar a cena dos senhores feudais do alto das ameias a atirarem umas moedas ou migalhas aos servos da gleba que tiravam o chapéu e aplaudiam a generosidade dos seus senhores...

Quando num programa televisivo um secretário regional diz que o governo foi eleito para tomar decisões e não vê a necessidade de referendar a opinião dos cerca de 5 mil marienses já se compreende melhor o que é a democracia teleguiada, e isto fez-me evocar, vá-se lá saber por que razão *“A “democracia vigiada” do falecido Presidente Suharto, da Indonésia, permite um progresso económico notável e o general de sorriso constante, voz clara e forte, e de fala pausada, passa a ser entre seu povo, o Bapak Pembangunan (Pai do desenvolvimento). Curiosamente, quando se ressentiu o desenvolvimento, com a crise financeira asiática de 1997, o seu regime autocrata, considerado um dos mais corruptos do mundo, vem abaixo”*.

De facto, a atual arrogância, prepotência, sobrançeria dos governantes nestas últimas décadas parece uma “democracia vigiada” e cujo fim pode estar anunciado. O compadrio, nepotismo, manobras dilatórias, e esquemas não deixam margens para grandes dúvidas, seja qual for a cor política dos que estão no poleiro. Quando se baixa o IVA das touradas a 6% e se mantêm os veterinários a 23%, as taxas, taxinhas e sobretaxas nos combustíveis, na energia, no pão, na sopa e noutros bens fundamentais, sabemos bem do que a casa gasta e não adiantará atirar areia para os olhos, pois não é suficiente para ocultar o estado de exploração em que se vive, com milhões atirados aos bancos falidos, sem se ressarcirem os desgraçados dos que ali depositaram as suas poupanças de uma vida, com milhões roubados ou emprestados a corruptos e donos disto tudo sem nunca se ir atrás desses milhões, que o povo, calado e sereno, continua a pagar com o suor do seu trabalho, em vão. Como escrevia Tomás Quental nesta data, “esta não é a “minha” democracia”. Nem a dele, nem a minha, nem a de muitos que pugnaram e insistem nalguns ideais de 25 abril que foram definitivamente escondidos numa gaveta sem fundo, por todos aqueles que fazem do poder o seu chicote impiedoso sobre os mais frágeis e indefesos da sociedade. Parece que a ida de Carlos César para a governação em Lisboa, envolvia a “venda” dos Açores ao preço de saldo e assim, o governo da República manda agora aqui como se não houvesse autonomia, viu-se agora com o congelamento do tempo de serviço dos professores e veremos muito mais, quando se tratar de vender o Mar dos Açores. Fica aqui escrito como se previu o que irá acontecer.

Da trapalhada da SATA e das inúmeras companhias que o governo regional prometeu extinguir, o melhor é nem falar tão grandes são as suas dívidas e as dúvidas do que lhes pode acontecer. Mas a única conclusão que me vem à cabeça é que, nestes anos todos, nem uma só dessas companhias (exceto a EDA que é como um casino, uma máquina de fazer dinheiro) funcionou decentemente e apenas serviu para colocar filhos, enteados e demais familiares da classe a que se chama e bem de muitos *boys* e poucas *girls*). É muito desânimo para uma pessoa da minha idade, muita desilusão, muito sonho roubado, muita esperança estiolada, muito futuro hipotecado por aqueles em quem votei, em quem acreditei e que sempre defendi.

**Chrys Chrystello**, Jornalista

[MEEA/AJA (*Australian Journalists' Association* –

Membro Honorário Vitalício nº 2977131, 1983-2018) carteira profissional AU3804]